

Quando Aldo Calvet me apresentou o manuscrito da peça que está impressa neste livro, fazendo-me um resumo verbal do seu trabalho, eu tive vontade de lhe perguntar a queima-roupa:

— Você está doido?

E' que theatro nas condições em que elle o quer fazer no Brasil, onde o theatro é um genero literario de espirito muito convencional, é quasi loucura.

Não podia deixar, entretanto, de ler a peça. Li-a e, ao terminar a sua ultima pagina, tive a impressão de que, em "Katalina", Aldo Calvet fez theatro de verdade, vigoroso, espontaneo, impressionante, original.

Estou agora a pensar: que é que vai dizer certa especie de publico a proposito d'essa peça. Estou a vêr aquella "tolice de cabeça de touro", da qual falava Flaubert no prefacio do livro de poemas de Maupassant arrastado perante a justiça dos tribunaes austeros de França sob a accusação de immoralidade, a investir contra a peça do joven escriptor maranhense em arrancadas furiosas.

E, todavia, Aldo Calvet escreveu um trabalho rigorosamente verdadeiro pelo ambiente, como pe-

los caracteres, sobre problema social pouco estudado. Apenas divergiu a sua Katalina dos moldes d'aquellas mundanas heroínas do theatro de outrora, que se deixavam morrer tuberculosas quando abandonadas pelos Armandos Duval, e faziam chorarem as mocinhas ingenuas, invejando intimamente o destino de tão romanticas criaturas sacrificadas a paixões romanticas. Essas Damas das Camélias eram pintadas em cores sedutoras diluídas em agua de flôres de laranjeira; e aquellas que Aldo Calvet põe em scena não suscitam, projectadas á plena luz da verdade, senão o horror á sua desgraça e ao seu callejamento no vicio, fazendo correr d'este a mulher honesta, para permanecer dentro de um outro ambiente onde não se respire a atmospherá mefítica do prostibulo. ...

Entre todas aquellas infelizes incapazes de reacção contra o meio social que as lançou vivas no Inferno de Dante surge o espirito varonil de uma que se revolta e busca na propria energia abrir um caminho para a felicidade pelo amor. E' uma heroína feita, não de sentimentalismo, mas de musculos e nervos.

A peça de Aldo Calvet discute uma these social, focaliza um meio, movimentá personagens que teem vida e encerra scenas por vezes de verdadeiro interesse dramatico.

E nem lhe falta interesse moral comprehendido dentro da realidade que se surprehende na vida, e não da abstrucção que se encontra nos tratados. Sobre o problema social que estuda disse:

mais do que provavelmente exararia uma epistola do orthodoxo patriarcha de Constantinopla.

Não faz propaganda do communismo ou do fascismo, do amor livre ou da sublimada união aryana. E com este defeito é que talvez não esteja "up-to-date"...

O autor escreve sem affectação, fazendo os seus typos discorrerem com toda a naturalidade. Não raro se eleva a trechos de intensa vibração. E as scenas são lançadas com apreciavel nitidez technica, o que denuncia, em Aldo Calvet, a vocação de um escriptor dramatico.

Os leitores de bôa fé, concordarão, creio, com estas minhas impressões.

Mas vamos que divirjam em alguns pontos. Reconhecerão, pelo menos, commigo, que a peça de Aldo Calvet tem qualidades mais brilhantes do que muitos trabalhos ultimamente acclamados em palcos brasileiros.

ANTONIO LOPES